



ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MARIA GRAHAM: ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA DO SÉCULO XIX

ART AND SCIENCE IN MARIA GRAHAM'S WORKS: A STUDY OF SCIENTIFIC DOCUMENTATION OF THE 19th CENTURY

Maria de Fátima Medeiros de Souza / UnB

RESUMO

A produção escrita de Maria Graham (1785-1842) está entre os principais relatos feitos pelos viajantes que estiveram no Brasil no século XIX. Entretanto, sua obra imagética ainda não foi investigada com atenção pela História da Arte. Este texto procura estudar a obra iconográfica de Graham referente aos dois períodos em que ela esteve no Brasil, reconhecendo que se trata de uma documentação que reflete parâmetros estéticos e científicos vigentes no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE

Maria Graham; iconografia dos artistas viajantes; documentação científica do século XIX.

ABSTRACT

Maria Graham's writings are among the most important travel accounts about 19th century Brazil. However, the graphic works that she had produced during her two stays in this country haven't been carefully studied by art history. In this article, we intend to investigate this neglected part of her work, while assuming that it reflects the aesthetics e scientific standards of the 19th century.

KEYWORDS

Maria Graham; travel artist's iconography; scientific documentation of the 19th century.

Introdução

Maria Graham (1785-1845) foi uma artista e escritora viajante inglesa que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX e registrou os costumes, as paisagens e a flora nacional. Embora outras áreas, como a Literatura e a História, tenham enfatizado características relevantes da produção editorial de Graham, sua obra imagética ainda não foi estudada com atenção. Perante esse quadro, esta pesquisa procura contribuir com a divulgação do trabalho de Maria Graham, artista viajante que produziu obras importantes sobre o Brasil, relevantes não só enquanto documentação científica, mas também pelos aspectos estéticos¹.

Os dois períodos em que Maria Graham esteve no Brasil são significativos em termos de produção imagética. Entre 1821 e 1823, ela acompanhou seu marido Thomas Graham em uma excursão pelos portos de Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Posteriormente, entre 1824 e 1825, Maria Graham veio para ser a preceptora da infanta Maria da Glória² (1819-1853). Como resultado dessas passagens pelo Brasil, Graham escreveu o *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Years 1821, 1822, 1823*, publicada em 1824, obra em que a autora narrou e ilustrou as paisagens e os costumes do Brasil oitocentista. Maria Graham também esteve na Índia, na Itália e no Chile, documentando e registrando imagetivamente esses locais (AKEL, 2009).

Tendo em vista que esta pesquisa trata os registros imagéticos que Maria Graham produziu nas duas ocasiões em que esteve no Brasil, foram selecionados acervos e arquivos no Brasil e em Londres que guardam obras da viajante. Parte das paisagens e das ilustrações botânicas registradas por Graham nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco encontram-se acervo do *British Museum*. Trata-se de um álbum com imagens usadas nas ilustrações dos livros *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Years 1821, 1822, 1823* e *A Scripture Herbal*, escrito póstumo de Graham (THE BRITISH MUSEUM, Coleção Maria Graham, 2016).

No segundo período em que esteve no Brasil, entre 1824 e 1825, Maria Graham produziu ilustrações botânicas e paisagens que atualmente estão no acervo do *KEW Royal Botanic Gardens*, em Londres, e no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Zubaran (2005) e Martins (2001) enfatizaram essa última estada de Graham

no Brasil como o período da maior produção imagética dessa artista. Esse foi o momento em que Graham deixou de trabalhar para a princesa Maria da Glória e se dedicou a coletar e desenhar espécimes e a registrar a paisagem do Rio de Janeiro. Nesse período, Graham também manteve contato com o naturalista William Hooker (1785-1865), então diretor do *KEW Gardens* (ZUBARAN, 2005).

Uma das possíveis leituras da obra de arte considera que o contexto de produção da imagem é importante para a sua descrição e interpretação. O estudo da obra de arte proposto por Baxandall (2006) considera que o fazer artístico pode interagir com a produção científica e que a arte, enquanto produção material, está inserida numa rede ampla de imagens produzidas para diversos fins. Meneses (2003) enfatizou a importância das imagens como fonte de estudo para diferentes áreas das Ciências Sociais. Partindo da produção visual como fonte de conhecimento, o estudo das imagens pode considerar seus mecanismos de produção, circulação e consumo. Sendo assim, o estudo da produção imagética “pode incluir a materialidade das representações visuais no horizonte dessas preocupações e entender as imagens como *coisas* que participam das relações sociais e, mais que isso, como *práticas materiais*” (MENESES, 2003, p. 14).

Posto isso, a metodologia usada neste estudo partilha dos pressupostos da “descrição crítica” de Baxandall (2006), procedimento em que o objeto histórico e a obra de arte são tratados a partir das circunstâncias que envolveram sua produção. Essas circunstâncias podem abarcar, entre outros aspectos, as tecnologias disponíveis e os pressupostos científicos e estéticos. Baxandall (2006) propõe uma análise da obra de arte segundo uma complexa rede que envolve outras esferas do conhecimento e da cultura. Essa abordagem é relevante para o estudo da obra de Maria Graham, uma vez que o contexto e a finalidade podem ter influenciado a produção imagética e científica dessa viajante.

No século XIX, as imagens foram largamente utilizadas em livros ilustrados como uma das formas de produção de conhecimento. A obra dos artistas viajantes, na qual Maria Graham está inserida, vincula-se a uma noção de que as categorias estéticas e documentais eram convergentes. A intercessão entre esses campos foi propagada por Alexandre von Humboldt (1769-1859) a partir da observação da

natureza. Humboldt, assim como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), ressaltava a representação imagética da natureza, destacando a pintura de paisagem como a “síntese essencial do conhecimento” (MATTOS, 2004, p. 154). A obra de Maria Graham apresenta-se na intercessão das esferas estéticas e científicas. Nos diários de viagens de Graham, encontram-se citações que evidenciam a contribuição do pensamento de Humboldt para a constituição da sua obra como um todo (GRAHAM, 1824).

A documentação científica do século XIX conjugava os aspectos científicos e estéticos, por isso a produção imagética desse período pode ser estudada segundo as circunstâncias históricas e culturais que influenciaram os artistas viajantes no processo de produção de suas obras (PATACA, 2011).

Nesse sentido, a intenção deste estudo é propor uma leitura da produção imagética de Maria Graham a partir de uma perspectiva que considere o contexto de produção dessas imagens e as referências visuais que influenciaram essa artista. Dessa forma, pretende-se conjugar aspectos da cultura visual da primeira metade do século XIX a partir da influência da pintura romântica e dos postulados da documentação científica na produção imagética de Maria Graham.

A documentação científica na obra de Maria Graham

A análise da documentação científica produzida no século XIX cada vez mais vem sendo tratada a partir de seus aspectos científicos e estéticos. Muitos são os estudos que passaram a abordar a produção dos artistas viajantes a partir das convergências entre arte e ciência. Esse tipo de abordagem amplia a análise das imagens produzidas nesse período e proporciona uma leitura dessas obras a partir de um panorama mais amplo em que as imagens são consideradas segundo a cultura visual em que foram produzidas.

Em geral, a formação dos artistas que acompanhavam as excursões pelo interior do território brasileiro conjugava uma educação formal em desenho e pintura com noções de história natural, matemática, arquitetura e cartografia. Esses conhecimentos eram essenciais para a documentação das novas terras, uma vez que essas expedições atendiam ao interesse de exploração dos recursos naturais das colônias (PATACA, 2011).

A formação de Maria Graham, por exemplo, contempla estudos de história natural, de História da Arte e de desenho. Graham estudou pintura e desenho com o paisagista Alfred Delamotte (1775-1863) e, em sua vida escolar, teve lições de Botânica, História e Geografia. Também conviveu com artistas e intelectuais durante a infância e ao longo de sua carreira como escritora (STHEFEN, 1886; HAGGLUND, 2011). Essa educação ampla de Graham se reflete em suas publicações. Além das obras que resultaram de suas viagens e pesquisas como artista e escritora viajante, o interesse de Graham pela História da Arte rendeu a publicação de obras como *Memoires of the Life of Nicholas Poussin* (1820), *Giotto's Chapel in Padua* (1835) e *Essay of Towards of History of paintings* (1836).

Esse interesse de Maria Graham pela arte e pela ciência é evidente em sua produção imagética e editorial, aspecto que também pode ser observado como uma tendência entre os artistas viajantes. No século XIX, grande parte da documentação científica também estava imersa nessa duplicidade da representação, que oscilava entre a objetividade documental e as sensações do observador diante da natureza. Gonçalves (2005) ressaltou as diferenças entre as documentações científicas produzidas no século XVI e as do século XIX. A primeira foi influenciada pela noção de natureza exótica e extraordinária³ e a segunda foi motivada pelo interesse documental com fins econômicos ao mesmo tempo em que era possível reconhecer nas imagens as sensações do sujeito ante a natureza.

Os artistas viajantes que acompanhavam expedições científicas pelo território brasileiro tinham a missão de documentar essa natureza desconhecida para fins comerciais e de exploração. Entretanto, muitos foram os casos em que os artistas designados para registrar imageticamente essas expedições entraram em conflito com os líderes desses empreendimentos. Alguns desses desentendimentos diziam respeito aos aspectos artísticos dessas documentações visuais, que, muitas vezes, extrapolavam o intuito inicial de registrar objetivamente a natureza (COSTA, 2007).

Alguns autores como Sússekind (2008) destacaram a dimensão subjetiva da narrativa de Maria Graham sobre a paisagem brasileira. Os relatos de Graham partem tanto de uma perspectiva objetiva e documental, quanto das sensações do observador ante a natureza. A partir desse ponto de vista, há uma certa tensão entre

a objetividade da representação naturalista e a representação romântica da paisagem. Sobre a obra de Graham, Süssekind (2008, p. 106) afirmou “É sobretudo com a lírica romântica que ela parece dialogar”.

Essas referências de Maria Graham aos artistas e poetas românticos pode ser observada tanto na escrita de seus diários de viagem quanto em sua produção imagética. O conjunto de obras de Graham que está no acervo do *British Museum* é formado por imagens produzidas em seus percursos pela Índia, Brasil, Itália, Ilha de Malta e por algumas regiões da Inglaterra. Parte dessas obras foram usadas na ilustração dos livros correspondentes à essas viagens, mas também há imagens produzidas com outras intenções que não a de ilustrar. É o caso do conjunto de 12 gravuras produzidas no trajeto de Graham por algumas cidades italianas⁴. Essas gravuras não foram usadas na ilustração do livro de Graham e se referem a representações típicas dos viajantes que se aventuraram pela Itália inspirados pelas pinturas de Claude Lorrain (1600-1682) e pela obra de outros artistas românticos dos séculos XVIII e XIX. Esse conjunto de obras nos leva a conjecturar que a produção imagética de Graham não se limitava ao registro botânico e às ilustrações dos costumes das localidades que ela visitava.

Além dessas 12 gravuras, o acervo do *British Museum* guarda um conjunto de obras que formam um álbum com desenhos de Maria Graham. Esse álbum reúne um total de 261 desenhos e aquarelas originais, produzidas entre 1821 e 1825, que retratam as paisagens do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco (THE BRITISH MUSEUM, Coleção Maria Graham, 2016). Algumas dessas imagens serviram de base para a confecção das gravuras que ilustram a obra *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Years 1821, 1822, 1823*. São desenhos feitos com a intenção de registrar a diversidade da natureza tropical do Brasil. Em alguns desses desenhos, Graham representa a natureza de modo que se possa reconhecer as espécies e as principais características das plantas retratadas. Caso da imagem *Tree in a Garden at Bahia*, que apresenta uma árvore enfatizada em primeiro plano e a vista de uma paisagem da cidade de Salvador nos planos subsequentes (Figura 1).



Maria Graham (1785-1842).
Tree in a garden at Bahia, 1821-1825
Brown wash. 22,8 x 28,8 cm.
The British Museum, London.

Há um trecho do diário de Graham que pode ser relacionado à essa imagem, trata-se de uma passagem em que a autora relata um agradável passeio pelos arredores da cidade de Salvador:

We rode out before breakfast, through landscape so fine, that I wished for a poet or a painter at every step. Some times we went through thick wild wood into bushy hollows; then emerged on clear lawns, sprinkled with palm trees, through which country-houses, farms, and gardens were seen; and from every eminence, the bay, the sea, or the lake, formed part of the scene. Here and there the huge gamela tree stands like a tower, adorned, besides its own leaves, with numberless parasite plants, from the stiff cactus, to the swinging air plant; and the frequent tower of church and monastery soften and improve the features of the country (GRAHAM, 1824, p. 135).

Dois aspectos chamam atenção tanto no relato quanto na imagem produzida por Graham. Primeiramente, nota-se a intenção documental na forma naturalista de retratar as principais características da espécie. Graham menciona em seu relato as raízes que se entrelaçam e fala das plantas parasitas que comumente se fixam a esse tipo de árvore. Em seguida, Graham oferece uma representação “pitoresca” da

paisagem, o desenho e o relato enfatizam o prazer de um passeio que evoca na autora a lembrança de poemas e de pinturas.

Assim como Sússekind (2008), Martins (2001) também ressaltou na produção de Maria Graham uma representação sensível da natureza. A produção imagética dos artistas naturalistas pode ser analisada como um registro documental da natureza para fins científicos, mas muitos desses registros também apresentam preocupações estéticas.

Como o desenho de Maria Graham indica, esse componente estético encontra-se presente tanto no olhar profissional quanto no amador, e faz parte da cultura visual de uma determinada sociedade, numa determinada época. No contexto da cultura visual da Inglaterra do século XIX, concomitante ao interesse pela história natural, ocorreu uma particular valorização da representação pictórica de paisagens “naturalistas” (MARTINS, 2001, p. 50).

Muitos artistas viajantes foram influenciados pelos postulados de Humboldt, que partilhava os preceitos de Goethe sobre as intercessões entre arte e ciência. Para Humboldt, a representação da natureza deveria conjugar um registro de seus aspectos mais característicos aliado a uma representação bem composta e agradável ao olhar e que fosse, de uma certa forma, “pitoresca”. Esse foi um dos grandes desafios de muitos artistas viajantes dos séculos XVIII e XIX (MATTOS, 2004).

Nos diários de Graham, muitas são as passagens que evidenciam seu interesse pelos passeios ao ar livre, momentos em que a autora reverencia a suntuosidade e o exotismo da flora brasileira. Esses relatos evidenciam que o olhar dessa viajante está imerso na acepção romântica de “pitoresco” (GRAHAM, 1824). A respeito da relevância da noção Romântica de “pitoresco” para o estudo das obras dos artistas viajantes, a autora Valéria Salgueiro (1992, p. 15) evidencia que “esse olhar pitoresco é um importante fundamento para a interpretação da arte dos viajantes europeus na América Latina, da qual são corolários a invenção da paisagem e o desenvolvimento do paisagismo”.

As obras de Maria Graham que se destinavam à documentação científica também dialogavam com os postulados estéticos vigentes no século XIX. No último período em que esteve no Brasil, entre 1824 e 1825, Graham produziu um conjunto

significativo de ilustrações botânicas e de plantas secas que foram enviadas ao *KEW Royal Botanic Gardens*. Graham manteve um extenso contato com William Hooker negociando o envio de plantas secas e de ilustrações botânicas do Brasil para Londres. O acervo do *KEW Gardens* guarda um arquivo de correspondências que evidenciam a relação de Hooker com botânicos profissionais e amadores espalhados por diversas partes do mundo (LETTER FROM MARIA GRAHAM TO SIR WILLIAM JACKSON HOOKER, 20. Nov. 1825).

Uma das ilustrações botânicas de Graham produzidas nessa segunda viagem ao Brasil encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Trata-se da imagem de uma planta típica da flora tropical brasileira, a *Helicônia*, espécie considerada exótica pelos europeus (Figura 2). O início do século XIX foi marcante no que se refere à comercialização de plantas exóticas na Inglaterra, muitos jardins da nobreza e de parte significativa da população foram enriquecidos com a diversificação da vegetação. Nesse período, houve também a difusão de livros científicos ilustrados e a propagação de museus especializados em coleções naturais (THOMAS, 2010).



Maria Graham (1785-1842)
Heliconia high eleven feet, 1824
Aquarela, 24,5 X 21,5 cm
Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

A ilustração científica assumiu diferentes configurações e, especificamente no século XIX, há uma tendência em aliar as funções poéticas e informativas na produção dessas imagens. Exemplo dessa preocupação estética e poética pode ser observada nos trabalhos do naturalista do britânico Robert Thornton (1768–1837), sua obra *The Temple of Flora* é formada por um detalhamento da anatomia das espécies retratadas, além de referências mitológicas e poéticas relacionadas às plantas. A sensibilidade das ilustrações de Graham se aproxima do lirismo da obra de Thornton (MARTINS, 2001; SCHNEIDER, 2009).

Interessa observar, contudo, que esse registro sensível da natureza reconhecido na obra de Maria Graham não significa afirmar que suas obras escritas e imagéticas não tenham sido validadas por outros intelectuais e botânicos de seu tempo. Embora Graham fosse uma naturalista sem formação acadêmica, ela manteve contato com o botânico David Douglas (1778-1834) e com o naturalista William Hooker com os quais tirava suas dúvidas a respeito da classificação das plantas a partir do sistema criado por Carl Lineu (1707-1778), modo de classificação vigente nos grandes compêndios ilustrados do início do século XIX (ZUBARAN, 2005).

Também ressaltando a relevância da documentação científica de Maria Graham, o estudo de Hagglund (2011) destaca a forma com que a viajante era vista por outros naturalistas daquele período, enfatizando a sua colaboração para grandes projetos científicos:

Graham's letters are crucial in documenting women's involving with plant collecting in the early nineteenth century. Her name often appeared in lists of plant collectors in Hooker's periodical articles. [...] References to Graham appear in the writings of other contemporary male botanists. She is consistently treated as a significant collector, although they are more likely than Hooker to preface her name with a complimentary adjective or phrase. Dr. Von Martius, for example, refers to "A highly accomplished lady", John Sims calls her an "ingenious and sensible authoress" and David Douglas writes of her "talented pencil". Nevertheless, despite this foregrounding of gender, she is regarded as a serious informant by all of them and quotations from her are used to supply further information without qualifications (HAGGLUND, 2011, p. 47).

Os trabalhos que Graham enviou para William Hooker durante o segundo período em que esteve no Brasil, por exemplo, foram marcadamente elogiados. Hooker

ênfatisou a habilidade artística e o conhecimento de botânica das ilustrações de Graham (MARTINS, 2001).

A respeito dos registros escritos e visuais de Maria Graham, Sússekind (2008) sustenta que eles foram relevantes enquanto documentação científica, embora Graham não tenha participado formalmente das viagens organizadas para documentar o território brasileiro. Sússekind (2008) fala até de uma certa liberdade que Graham possuía ante os artistas que participaram da elaboração dos grandes álbuns ilustrados. O interesse de Graham pelas ciências naturais evidencia-se também pela sua colaboração com o naturalista russo Georg von Langsdorff (1774-1852), assim como sua participação como uma das coletoras de espécimes para a composição da obra *Flora Brasiliensis*, iniciada pelo alemão Karl von Martius⁵ (1794-1868). O estudo de Pratt (1999) mencionou a narrativa de Maria Graham entre os principais relatos de viagens feitos por mulheres durante o século XIX, ressaltando nesses olhares femininos uma tendência mais sensível ante a organização social dos países colonizados.

Considerações finais

O estudo da obra de Maria Graham é relevante em diferentes aspectos, o que possibilita uma abordagem interdisciplinar. Nas últimas décadas, muitas pesquisas trataram da aproximação entre os estudos científicos e os da História da Arte, e isso contribuiu para a construção de novas abordagens nesses campos.

Grande parte das pesquisas sobre a obra de Maria Graham se ocuparam com a análise dos aspectos literários e históricos. Muitos estudos abordaram a obra de Graham a partir de diferentes pontos de vista, que partem de enfoques da Botânica, da História Social, dos estudos de gênero e da Literatura. Embora a obra de Graham extrapole o caráter de documentação científica, podendo ser investigada a partir de suas qualidades estéticas, não foram encontrados estudos mais abrangentes. Nota-se, além disso, a necessidade de um mapeamento das obras de Maria Graham produzidas no Brasil, uma vez que os acervos que guardam a produção imagética dessa viajante foram pouco explorados.

Desta forma, a finalidade deste estudo é contribuir para o conhecimento da obra de Maria Graham a partir da perspectiva da História da Arte. Sabendo que a obra

imagética dessa artista é relevante como parte significativa da documentação produzida pelos artistas viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX. Além disso, estudar a produção de Graham pode contribuir com a difusão de pesquisas sobre o papel feminino na produção da documentação científica no século XIX.

Notas

¹ Este texto apresenta o andamento da pesquisa de doutorado em Teoria e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação do Professor Dr. Emerson Dionísio de Oliveira.

² Filha de Dom Pedro I e de Maria Leopoldina. Posteriormente, entre 1826 e 1828, Maria da Glória se tornou rainha de Portugal.

³ A partir do século XVI os gabinetes de curiosidades foram disseminados, esses espaços eram formados pelos mais diversos tipos de objetos e de espécimes colhidos na natureza e fomentaram o colecionismo de grandes personalidades, ao mesmo tempo em que serviam para fins científicos. Grande parte do acervo desses gabinetes de curiosidade era formada por objetos exóticos dos continentes recém descobertos pelos europeus (SCHNEIDER, 2009).

⁴ Nessa viagem, Maria Graham também escreveu o livro *Three Months Passed in the Mountains East of Rome*, publicada em 1819.

⁵ *Flora Brasiliensis* foi editada pelo naturalista Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Trata-se de um dos grandes compêndios da flora brasileira, para maiores informações ver KALTNER, Leonardo F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Von-Martius>. Acesso em: 02 abr. 2017.

Referências Bibliográficas

AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009.

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

COSTA, Maria de Fátima. *Aimé-Adrien Taunay: um artista romântico no interior de uma expedição científica*. Revista de História e estudos culturais. Vol. 4, ano IV, nº 4, 2007. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_03-Maria_de_Fatima_Costa.pdf. Acesso em: 11 fev. 2017.

GRAHAM, Maria. *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during the years 1821, 1822, 1823*. London: John Murray Press, 1824.

GONÇALVES, Margaret de Almeida. *Subjetividade e viagem em Maria Graham*. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Paraná, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1384.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

LETTER FROM MS MARIA GRAHAM TO SIR WILLIAM JACKSON HOOKER; from Wimpole, [Cambridgeshire, England]; 20 Nov 1825; four page letter comprising four images; folio 79. Royal Botanic Gardens, Kew. HAGGLUND, Betty. *The Botanical Writings of Maria Graham*. Journal of Literature and Science, Volume 4, Nº 1, 2011. Disponível em: http://www.literatureandscience.org/issues/JLS_4_1/JLS_vol_4_no_1_Hagglund.pdf. Acesso em: 21 abr. 2017.

MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos viajantes: O olhar Britânico, 1800-1850*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATTOS, Claudia Valladão de. *A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt*. TERCEIRA MARGEM: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 10, 2004. Disponível em:

- http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero10/NUM10_2004.pdf#page=152. Acesso em: 28 abr. 2017.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual*. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002. Acesso em: 05 mai. 2017.
- PATACA, Ermelinda Moutinho. *Congruências entre cartografia e pintura no prospecto de Vila de Cameté (1784) de José Joaquim Freire*. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/288000361/Congruencias-Entre-Cartografia-e-Pintura-NoProspecto-Da-Vila-de-Cameta-de-Jose-Joaquim-Freire>. Acesso em: 11 jan. 2016.
- STEPHEN, Leslie. *Dictionary of national biography*. Vol. VIII. Burton Cantwell Macmillan And Co. London: Smith, Elder, & Co, 1886.
- SALGUEIRO, Valéria. *Estudo da Cidade Latino-americana no século XIX através da produção pictórica*. In: Ana Fernandes; Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes. (Org.). *Cidade e História*. 1ª ed. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1992.
- SCHNEIDER, Norbert. *Naturezas-mortas: A pintura de naturezas-mortas nos primórdios da Idade Moderna*. Editora Tachen, 2009.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- THE BRITISH MUSEUM, *Coleção Maria Graham*, Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/search.aspx?searchText=lady+callcott&people=130300. Acesso em: 20 nov. 2016.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ZUBARAN, Maria Angélica. *A vistosa vestimenta vegetal do Brasil: Maria Graham e as representações da Natureza tropical no século XIX*. *Textura - ULBRA*, Nº 11, Canoas, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/758/579>. Acesso em: 05 mai. 2017.

Maria de Fátima Medeiros de Souza

Doutoranda em Teoria e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (2016-). Mestra em Ciência da Informação (2016). Graduada em Artes Plásticas (2009). Desenvolve pesquisas referentes ao Livro de Arte brasileiro e sobre a produção editorial ilustrada com gravuras. Atualmente, estuda as interações entre arte e ciência na produção das mulheres artistas viajantes do século XIX.